

Conceitos fundamentais da Psicanálise

**Apresentação, leitura e comentários de
Seminários e Textos de Jacques Lacan**

Os Nomes-do-Pai

e

Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise

Paulo Medeiros

9 - 8 de junho de 2004

*Memória e transcrição de gravação*¹

Leitura do texto, página 26: *Hoje em dia, no tempo histórico..*

Intervenção – (...).

Será que ele vai mais além ou será uma leitura diferente? Há diferenças sim, certamente.

Continuação da leitura, página 26: *Certamente..*

Vernunftsregel-
um conceito da
lógica formal
kantiana

Sim, ele busca o rigor conceitual, mas ao mesmo tempo se indaga sobre o conceito que possa dar conta disso, ou seja, diante do imperativo do rigor formal, qual seria o conceito que poderia dar conta daquilo que se chama *inconsciente*, é o que parece estar contido no termo alemão kantiano, a propósito desse rigor conceitual, isto é, lógico, seguindo as regras do bem pensar e do pensar corretamente: *Vernunftsregel*, em comparação, em confronto, *Vergleichung* Impõe-se, para Kant, a precisão da razão, a maneira como possa ser possível, pela via da razão, o estabelecimento do que possa regrá-la; princípio destacado, porquanto aceito por Lacan. Ora, as elaborações kantianas são muito abstratas, no sentido de buscar um pensar puro; puro enquanto isento de sentidos, do engano dos sentidos. Há um escrito, dessa vez escrito, de Lacan, denominado *Kant am Sade*, por serem opostos. Em Sade, há toda uma ênfase sobre o gozo, ao gozo que é do corpo, enquanto, para Kant, seu gozo está no pensar, na razão, o mais isenta possível dos sentidos. São contrapontos, estando de um lado o gozo e do outro a razão, entendendo-se, no caso,

Kant am Sade

¹ Paulo Medeiros. Revisão ortográfica: Dulcinea Santos e Maria Teodora de Barros Oliveira.

por gozo dos sentidos.

Intervenções – (...).

A escrita como gozo imperativo

Sim, de fato, há a se destacar esse aspecto da escrita, do estilo em cada um, de como o corpo se relaciona com a linguagem, com uma certa linguagem; Kant e Sade são diferentes, tão radicalmente diferentes que se aproximam. E o que é a escrita senão, em ambos, alguma coisa para além do corpo? Da parte de um, dedicado a explorar até o limite máximo possível, o gozo, mas esse mesmo sujeito que fez essa exploração sensual, plena, dos sentidos, é o mesmo sujeito, em sua divisão, que faz uso da escrita como sendo um imperativo: escrever ou enlouquecer. Já o outro, em relação aos sentidos, está numa posição simetricamente invertida e oposta, mas a escrita mantém-se com o mesmo imperativo.

Continuação da leitura, página 27: *Eu não vou lembrar...*

Essa insistência sobre a causa... na Ciência a causa... bem, há aí uma diferença, creio, entre essa causa como origem e suporte na Ciência e o que se torna determinante como causa no Inconsciente.

Continuação da leitura, página 27: *Ela se distingue..*

Intervenções – (...).

Não estará sendo aí questionada uma relação entre uma lei, no campo da física e na formação inconsciente, no sentido de não haver lugar para a hiância, a surpresa numa lei de causa e efeito? Há a possibilidade de haver uma crítica à razão no sentido kantiano e no entendimento que o que se chama ciência tem dessa lei no campo da Física.

Intervenção – (...).

Sim, seria, não lhe parece? Uma abertura, uma fenda.

Intervenção – (...).

Ao apresentar boa parte, e parte determinante do que ocorre na história das idéias, está a indagar se, nesses campos, há alguma possibilidade de lidarem com esse fenômeno, a hiância.

Intervenções – (...).

Há leis inconscientes a determinarem relações estruturais, não

*A singularidade
nas leis
inconscientes*

necessariamente inteligíveis e abordadas da mesma forma como as leis a determinarem outras relações do sujeito com os dados assim chamados da realidade. As leis que regem as relações inconscientes são tão próprias, tão singulares, referentes a cada um, a cada sujeito, como se não pudessem ser apreendidas num campo universal.

Intervenções – (...).

*A proposição -
O inconsciente
é estruturado
como uma
linguagem*

Mas, mesmo assim, há proposições, proposições que, se do campo da Lógica, seriam proposições verdadeiras. Então, por exemplo, há a proposição: *o inconsciente é estruturado como uma linguagem*. Então, pode-se indagar: - Essa proposição é verdadeira? Como adequá-la ao lógico, seguindo as regras do bem pensar e do pensar corretamente, *Vernunftregel*, em comparação, em confronto, *Vergleichung* conforme proposta de Lacan a partir de Kant, como já vimos? O que tal proposição psicanalítica quer dizer? Há aí uma estrutura, naquilo que se designa como inconsciente na experiência psicanalítica; há, então, leis a determinarem seu funcionamento. Sendo *como* uma linguagem há, então, uma disposição lógica a coordenar sua combinatória, análoga à linguagem. Ao trazer a Lingüística como campo auxiliar, ao propor um retorno a Freud, como foi lembrado, Lacan assim o faz para situar o lugar da Psicanálise enquanto sendo o da função da fala e o campo da linguagem. A língua que falamos é regida gramaticalmente por uma série de leis que permitem subordiná-la a um funcionamento. O Inconsciente é uma outra linguagem, funcionando num outro lugar, fazendo uso dos mesmos elementos da língua falada. Para Freud, isso não deveria se constituir um problema, ao contrário, deve ter-lhe servido para esclarecer essa outra linguagem falada, se considerarmos como exemplo o *ídiche*, língua germânica falada por judeus, escrita em caracteres hebraicos e falada em alemão, com todas as suas regras, mas usando vocábulos hebraicos.

Intervenções – (...).

Representação por imagens.

Matema quer dizer ensino. Lacan inventou, para a Psicanálise, sinais algébricos, fórmulas matemáticas, objetos topológicos, assim como se inventa nas formulações de outros campos, como o campo matemático, por exemplo, ou da Lógica. Os *matemas* lacanianos são representações algébricas em

*Os matemáticos
lacanianos*

construções lógicas. São teoremas formulados por meio de elementos *sígnicos*, isto é, por meio de representações que transmitem conceitos, universalizando assim dados de experiências singulares. Assim, como se faz entre os matemáticos, os *matemas* tentam formulações sobre o real – já assinalamos como exemplo disso uma cena no filme *Mente brilhante* –, criando representações gráficas, imaginárias, portanto, isto é, desenhos de letras e de outros sinais obtidos no campo simbólico para se escrever o real da experiência. Nessa cena em que os pombos promovem uma cena real de movimentos desordenados, ao catarem, bicarem milho ou outra coisa jogada para eles no jardim, o matemático-estatístico acompanha tais movimentos e traça vetores imaginários de tais movimentos, ao mesmo tempo em que escreve fórmulas para esses vetores. É-nos apresentado um real da cena dos pombos, o recurso imaginário dos vetores e a inscrição simbólica com o uso de símbolos para as fórmulas. A representação dos *matemas* corresponde a fórmulas, equações possíveis para o ensino de nossa experiência real.

Mente brilhante

Intervenção – (...).

*Die Verneinung/
A Denegação*

Sim, seriam as formações do Inconsciente. E nos escritos de Freud encontramos proposições lógicas, como, por exemplo, em *Die Verneinung A Negativa* ou *Denegação*, nas quais Freud demonstra o Inconsciente se afirmando negativamente, ou seja, indica a afirmação inconsciente pela via de uma negação. Contrariando a Lógica clássica, numa fala inconsciente não há contradição, havendo possibilidade de conciliar contradições.

Intervenções – (...).

*Estruturas
discursivas -
neurose, psicose,
perversão*

Bem, estamos aí diante de um problemão. Considerando que a Psicanálise nasceu de um outro campo, o campo da Medicina, então certos termos, e termos fundadores desse novo campo, como, por exemplo, neurose, psicose, perversão, só para frisarmos alguns, permanecem abertos a redefinições no campo inaugurado por Freud e formalizado por Lacan. São, na verdade, podemos assim considerá-las estruturas, estruturas discursivas, ou seja, modos de organização de um certa linguagem, de um certo sistema linguageiro, com um ordenamento que lhes é próprio, uma lógica, em suma. Então, nós podemos falar, por exemplo, numa estrutura neurótica, mas uma estrutura neurótica não é senão a forma pela qual

uma determinada forma de linguagem se organiza e é estabelecida para o sujeito. A neurose é efeito de uma relação entre o sujeito e um sistema linguageiro que o precede, o atravessa e o determina. Como neuróticos, conseguimos falar a partir de uma certa posição nessa linguagem que nos forma e nos permite, até um certo grau, um tipo de relação social, sendo uma forma discursiva capaz de estabelecer laço social. Essa nova leitura, na verdade uma releitura dos fenômenos apontados por Freud, é possível com a contribuição de novos elementos trazidos por outros campos, mais recentes, como a Lingüística estrutural, por exemplo. Então, ao falarmos sobre estrutura, estamos diante de estrutura linguageira, discursiva, e não de algum tipo de anomalia orgânica.

Intervenção – (...).

Na psicose, diferentemente da neurose, os referentes são outros. Na neurose, por mais *mesinhas* que possam existir, é mantida uma certa relação entre elas e o signo que as nomeia; numa estrutura discursiva diferente, como no caso da psicose, esse termo pode designar tanto esse objeto, dependendo do tipo de psicose, como pode determinar qualquer outra coisa que não aquilo que a neurose nomeia como tal.

Intervenção – (...).

Pela lógica da *renegação* uma outra modalidade de estrutura, ou de sistema linguageiro. Essas estruturas psíquicas, legadas por Freud, estão relacionadas àquilo que Freud denominou como *castração*. Então a perversão é uma das formas de relação de um determinado sistema linguageiro estabelecido a partir de sua relação com o *falo*.

Intervenção – (...).

Não sei se percebeu, mas você trouxe uma questão relacionada a uma causa. A lei, no caso, é a lei a ordenar, a organizar esse sistema linguageiro. A linguagem, entendida como estrutura, não será considerada como um antes nem um depois, no sentido de uma cronologia, mas sim, no sentido de uma simultaneidade, como algo fundante do sujeito; não mais uma relação de causa e efeito ou de finalidade. É um dado; já está dada ao sujeito. A linguagem, na forma como se estrutura para cada sujeito, já lhe está dada e é com isso que o sujeito terá que se virar na fala. O que organiza esse sistema linguageiro é

o que chamamos Lei.

Intervenções – (...).

*Estrutura e
Sintomatologia*

Sim, mas então devemos considerar a diferença entre estrutura e, digamos assim - ainda usando termos de outra área -, sintomatologia. Há diferença entre os termos. Estrutura como fundante, já dada ao sujeito, e os efeitos dessa relação entre essa determinada estrutura linguageira já dada e o sujeito. A sintomatologia produzida nessa relação sim, podemos dizer, recebe tratamento psicanalítico, mas por tabela, no sentido de ser o cerne dessa relação uma outra coisa, referente ao desejo. A sintomatologia já é efeito de uma relação desejante conflituosa nessa relação do sistema linguageiro com o sujeito. O desejo sim, aí está, como interesse para o ato analítico, isto é, para ser analisado.

Intervenções – (...).

Béance/Hiância

Hiância é um termo que não existe em nosso vernáculo. Em francês é *béance*; isto é, podendo, dependendo do contexto, dizer muitas coisas, a começar por aberto, muito aberto, escancarado, ou boquiaberto, estupefato, maravilhado, pasmado. Esse termo vem sendo traduzido por hiância, mas existe *hiato* *hiante*

Continuação da leitura, página 27: *Ao contrário, cada vez que falamos...*

De fato, se há uma categoria lacaniana sobre a qual podemos nos debruçar para investigar é essa referente a *real* e aqui volto a indicar-lhes aquele filme *Mente brilhante* na cena daqueles pombos no gramado; observemos aí o indeterminado dos movimentos dos pombos em relação a qual dos grãos irá bicar; trata-se de um movimento aparentemente inapreensível, como o real.

Intervenção – (...).

*O real e a
realidade*

Caótico? Talvez; mas, se levarmos em consideração ser o caos o fundamento do que o ordena, então há possibilidade de ordenar esse caos. Para os gregos, o *Logos*, restando-nos investigar o que significava para eles esse *Logos*, tanto quanto para Lacan esse *real*. Então, esse conjunto de pombos, sendo possível ser designado por um conjunto, já estabelece uma diferença em relação a caos. No caso do herói de *Mente*

brilhante, ele tenta apreender esse real no campo exterior, para além de uma realidade, considerando-se realidade como sendo uma cobertura imaginária sobre o real, um véu.

Intervenções – (...).

Sim, ou seja, a realidade se apresenta para cada um de nós de forma diferente. O real enquanto tal está aí, imutável. Essa indagação nos conduz a alguma coisa interessante para compararmos com o *númeno* e o *fenômeno* em Kant.

Quanto à uniformidade, no caso, seria a possibilidade de se apreender uma constante nesse movimento, equacionando-o através de uma fórmula algébrica. Então, nesse movimento, aparentemente caótico, na dimensão real, pela via do imaginário, ao serem traçados vetores desse movimento, abstraindo disso uma fórmula com elementos matemáticos. Na medida em que abstrai uma fórmula, equacionando o problema, obteríamos, numa dimensão simbólica, seu registro, passando a ser comum, ou o que você está chamando padrão.

A realidade, isso que chamamos realidade, é a aparência, aquilo que se dá aos sentidos, que aparece para nossos sentidos. Os nossos sentidos nos enganam, como no velho adágio: *Nem tudo que reluz é ouro*. A realidade é o percebido, apreendido do real. O real permanece onde está, enquanto tal.

Intervenções – (...).

O fato linguageiro

Experimentemos, por exemplo, descrever uma cor, ou um fato, factual ou de linguagem. Como vocês já sabem, a Literatura é nossa grande aliada, as letras nosso campo mais próximo; então, nesse contexto, podemos trazer à memória uma frase de Guimarães Rosa, em *Grande Sertão Veredas*: *Fato só faz fato*. O que há além do fato senão narrativa do fato? A narrativa é também nosso campo, e, podemos constatar, na narrativa *fato* não bate com *fato*, só restando o fato linguageiro, aquilo que se fala sobre o fato, e fato de linguagem é tão factual quanto. Real é, pois, o que há por trás ou além ou aquém da fantasia e de nossos fantasmas.

Intervenções – (...).

Nesse exemplo do futebol, podemos associar, de imediato, o movimento dos jogadores em campo com o movimento lá dos nossos pombos. A diferença está em que, enquanto o movimento desses pombos é aparentemente desordenado, já

no campo humano, no futebol, a tarefa do técnico, parece, é tentar fazer com que haja uma coordenação de movimentos tal que engane os movimentos do oponente; trata-se de engodo.

Intervenção – (...).

Arte e técnica

Há então uma diferença entre arte e técnica. Essa história que você nos traz sobre o Garrincha revela o artista para além do técnico. Talvez não haja mais muito espaço para a arte, no sentido dessa subordinação à técnica, na medida em que a técnica não permita o voluntarismo na arte. O real, no caso do jogo de futebol, nesse exemplo mencionado, contém o elemento imprevisível.

Intervenção – (...).

Então, podemos indagar, no campo matemático, sobre qual relação existe entre uma formulação e outra.

Intervenção – (...).

É esse real a confrontar o sujeito.

Continuação da leitura, página 27: *Nessa hiância, alguma coisa acontece..*

É provável ser esse termo *acatriz* uma referência a *trauma*, pois é o que a palavra *trauma* quer dizer.

Continuação da leitura.

Intervenções – (...).

Bem, parece ser uma alusão ao aspecto psicologizante da prática analítica, essa de suturar a *hiância*, isso através da psicologia do ego.

*Hartmann,
Loewenstein e Kris*

Intervenção – (...).

Sim. Hartmann, Loewenstein e Kris, comendo, segundo Lacan, o triunvirato de Nova York, colocando a Psicanálise a serviço do *american way of life*